

Celebrações em defesa da bicicleta: uma observação do evento Massa Crítica em Fortaleza e Lisboa

Celebrations in defense of the bicycle: An observation of the Critical Mass Event in Fortaleza and Lisbon

Celebraciones en defensa de la bicicleta: una observación del evento Masa Crítica en Fortaleza y Lisboa



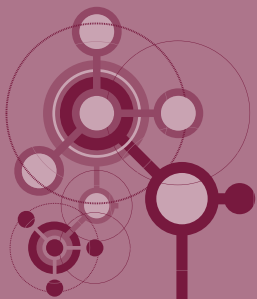
Janayde de Castro Gonçalves

- Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC).
- Investigadora Visitante do CICS.
- E-mail: janaydeg@gmail.com
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5664-2876>



Silvia Helena Belmino

- Professora orientadora. Universidade Federal do Ceará.
- Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília.
- Líder do Grupo de Pesquisa de Imagem, Consumo, Experiência Urbana em processos/produtos de comunicação (GICEU).
- E-mail: sbelmino@ufc.br
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9206-2273>



RESUMO

Este artigo observa os principais aspectos das linguagens e estratégias comunicativas utilizadas no evento Massa Crítica, em Fortaleza (Brasil) e Lisboa (Portugal) e suas particularidades culturais, sociais e urbanísticas. O evento é uma “bicicletada” global que ocorre mensalmente. A metodologia inclui observação participante, diário de campo, fotografias, entrevistas e análise de posts no Instagram. O estudo analisa a comunicação urbana como expressão identitária das manifestações que dão visibilidade aos direitos dos ciclistas, destacando interseções entre as duas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: EVENTO • MASSA CRÍTICA • COMUNICAÇÃO URBANA • LISBOA • FORTALEZA.

ABSTRACT

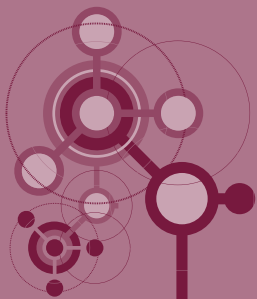
This article examines the main aspects of the languages and communicative strategies used in the Critical Mass event in Fortaleza (Brazil) and Lisbon (Portugal), as well as their cultural, social, and urban particularities. The event is a global monthly “bike ride.” The methodology includes participant observation, field notes, photographs, interviews, and analysis of Instagram posts. The study analyzes urban communication as an expression of identity through demonstrations that highlight cyclists’ rights, emphasizing the intersections between the two cities.

KEYWORDS: EVENT • CRITICAL MASS • URBAN COMMUNICATION • LISBON • FORTALEZA.

RESUMEN

Este artículo observa los principales aspectos de los lenguajes y estrategias comunicativas utilizadas en el evento Masa Crítica, en Fortaleza (Brasil) y Lisboa (Portugal), así como sus particularidades culturales, sociales y urbanísticas. El evento es una “bicicletada” global que ocurre mensualmente. La metodología incluye observación participante, diario de campo, fotografías, entrevistas y análisis de publicaciones en Instagram. El estudio analiza la comunicación urbana como expresión identitaria de las manifestaciones que visibilizan los derechos de los ciclistas, destacando las intersecciones entre ambas ciudades.

PALABRAS CLAVE: EVENTO • MASA CRÍTICA • COMUNICACIÓN URBANA • LISBOA • FORTALEZA.



INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos mostrar as dinâmicas e estratégias comunicativas do cicloativismo no evento global Massa Crítica. A abordagem do estudo está ancorada na compreensão que as duas cidades, Fortaleza e Lisboa, onde as edições do evento foram observadas, atuam como estruturas midiáticas e discursivas para o movimento cicloativista.

Ao observar o evento nas duas cidades, bem como as peças e técnicas de comunicação visual empregadas — como ilustrações, imagens e os meios utilizados pelos cicloativistas para dar expressão visual à causa —, além dos relatos das entrevistas, foi possível identificar certos padrões de construção discursiva por meio dos quais o movimento em defesa da bicicleta é concebido, produzido e socializa significados, materializados em uma perspectiva visual urbana.

Os intertextos presentes nos cartazes, estêncil e intervenções urbanas recorrem à explicitação de conhecimentos que circulam como discurso, indicando sentidos, transversalidades de caráter cultural e político, que se estruturam como marcadores simbólicos, que nos permitem desenvolver diálogos e criar chaves para o processo de interpretação coletiva.

Apesar de estarem em continentes diferentes e terem contextos históricos distintos, Fortaleza e Lisboa apresentam várias semelhanças interessantes, ambas as cidades compartilham traços de modernidade e tradição, oferecem uma diversa experiência cultural e possuem uma atmosfera que atrai turistas de todo o mundo.

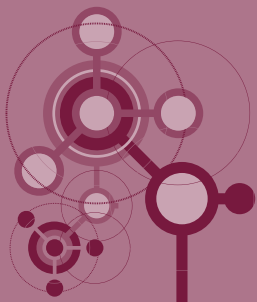
A geminação de cidades, ou cidades irmãs, conceito que consolida acordos, por meio protocolares, essencialmente no plano cultural aconteceu em 2016, quando a Prefeitura de Fortaleza sancionou a lei¹ que declara Fortaleza e Lisboa, capital de Portugal, como cidades irmãs. O acordo de irmandade tem como objetivo facilitar as relações culturais, turísticas, políticas e comerciais entre as capitais e promove o estabelecimento de laços entre lugares que, normalmente, já possuem características semelhantes ou referências históricas em comum (Nações Unidas, 1992).

O conceito de geminação de cidades está elucidado no Capítulo 28 da Agenda 21, intitulado “Iniciativas das Autoridades Locais” e enfatiza que governos locais devem estabelecer parcerias internacionais para fortalecer práticas sustentáveis, assim como nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), estabelecidos na Agenda 2030 da ONU, em especial os ODS 11 e 17, os quais incentivam cidades a cooperarem para melhorar a urbanização sustentável e enfatizam a necessidade de parcerias globais, incluindo entre cidades, para alcançar os objetivos da Agenda 2030.

CONTEXTO URBANO, INFRAESTRUTURA E CULTURA CICLÍSTICA

A bicicleta como forte elemento da paisagem cultural e a cultura do uso da bicicleta como meio de transporte diário está em desenvolvimento nas grandes cidades. Sabe-se que os eventos e manifestações frequentemente buscam mudar a percepção pública sobre a bicicleta como um meio viável de transporte urbano (Besse, 2014). Fato é que elas estão cada vez mais presentes no contexto urbano, nos passeios, calçadas, e diversos ambientes das cidades, não somente nos

¹ Lei Ordinária n.º 10.473, de 9 de junho de 2016. Declara cidades irmãs as cidades de Fortaleza e Lisboa, capital de Portugal, bem como autoriza o Poder Executivo a firmar acordo de irmanação entre elas.



espaços turísticos. Nas cidades irmãs, encontramos ciclistas que usam bicicletas próprias, alugadas, assim como as bicicletas compartilhadas por sistemas incentivados pelas gestões municipais. Em Lisboa, podemos indicar que as colinas da cidade representam um desafio adicional para ciclistas, se compararmos em termos de geografia à Fortaleza que é uma cidade mais plana, menos acidentada.

No presente estudo, abordaremos a produção de sentidos em torno de celebrações do uso da bicicleta, mediadas pelos elementos comunicativos presentes na iconografia urbana, na arte urbana como cartazes, estêncils e outras linguagens que dão cabo à concretização de uma identidade das manifestações em defesa da bicicleta. Um entendimento de que a comunicação deve ser entendida não apenas como transmissão de informação, mas como um processo de criação de laços sociais e coletivos, como ponto fundamental para compreender os fenômenos urbanos e as manifestações sociais (Sodré, 2014).

A metodologia deste trabalho é bibliográfica, documental e exploratória, com uma inspiração etnográfica urbana que se dá por base em situações de campo que envolveram a observação individual não participante em ambas as cidades, no período de maio a julho de 2024, resultando em diário de campo gravado em áudio, material fotográfico de rua, entrevistas pessoais, presenciais e online, assim como coleta de *posts* na página do Instagram dos dois eventos. Denominamos inspiração porque o estudo dos casos das duas cidades se limita ao enfoque inspirador das incursões em campo, como uma opção assumida neste trabalho, a fim de resultar em uma abordagem interpretativista (Santaella, 2001).

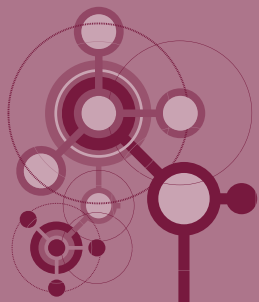
A observação se deu de forma assistemática, utilizando-se de instrumentos próprios de coleta. As incursões em campo resultaram em seis entrevistas (cujos indivíduos são aqui nomeados por CX, CY e numerais), bem como na observação presencial de uma edição em cada cidade. O estudo foi complementado pela navegação em três perfis de Instagram durante o período de três meses: 1º de maio a 1º de agosto de 2024. Os usuários selecionados para coleta de imagens como amostra foram: @massacriticafortaleza e @massacriticalisboa, acrescido de um perfil de um dos entrevistados de Lisboa. Deste modo, as amostras basearam-se em um período de 92 dias, resultando em uma seleção de 61 imagens, 3 vídeos, entre prints e fotografias compartilhadas pelos participantes e acervo pessoal.

Após a seleção da amostra, analisou-se as imagens disponíveis de forma qualitativa, cruzando informações do referencial teórico com os dados obtidos pelas entrevistas e observações. Os dados coletados em rua e os disponíveis nos perfis do Instagram foram divididos em duas categorias: fotografias de intervenções urbanas e logotipo dos perfis. O roteiro das entrevistas foi semiestruturado, levantando questões acerca das intervenções de rua, uso da linguagem da arte urbana, enfatizando aspectos da comunicação visual dos movimentos.

Entretanto, para comparar Fortaleza, no Brasil, e Lisboa, em Portugal, em termos de cultura ciclística, fez-se necessário observar, a priori, alguns outros elementos e dados além daqueles coletados em campo, tais como os indicadores de extensão territorial, sociodemográficos e de malha cicloviária, considerando o que segue:

Tabela 1: Comparação de dados sociodemográficos e cicloviários entre Fortaleza e Lisboa

Indicador	Fortaleza	Lisboa
Extensão Territorial:	Área: 314,93 km ²	Área: 100,05 km ²
População:	2.428.708 pessoas	548.703 pessoas
Densidade Populacional:	7.775,52 habitantes por quilômetro quadrado	5.495 habitantes por quilômetro quadrado



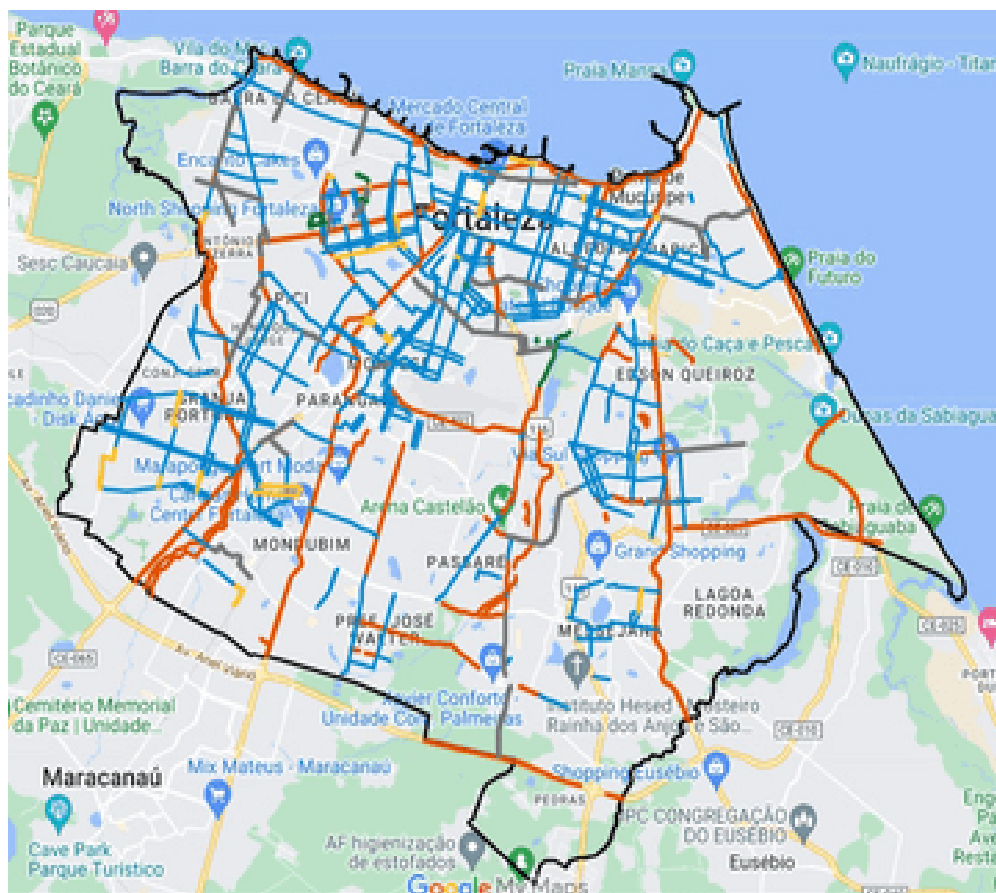
Indicador	Fortaleza	Lisboa
Extensão da Malha Ciclovitária:	420 km de ciclovias, ciclofaixas e ciclorrotas planejadas até 2024.	200 km de ciclovias planejadas até 2024.
IDH	0,754	0,901
PIB (R\$ bilhões)	67,62	200,24

Fonte: Elaborada pela autora (2024) com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Planejamento de Fortaleza. Instituto Nacional de Estatística (INE) de Portugal, Câmara Municipal de Lisboa. Em ambas as cidades os dados consolidados do último censo são de 2022.

Fortaleza é significativamente maior em extensão territorial, com 314,93 km², em comparação com Lisboa, que possui 100,05 km². Fortaleza tem uma população muito maior, com aproximadamente 2,5 milhões de habitantes, enquanto Lisboa tem cerca de 550 mil habitantes, portanto, a densidade populacional de Fortaleza é mais alta, com cerca de 7.775 habitantes por km², comparada com a densidade de Lisboa, que é de aproximadamente 5.495 habitantes por km². Fortaleza (Figura 1) planeja ter uma malha ciclovitária mais extensa, com cerca de 420 km até 2024. Lisboa, apesar de ser menor em área e população, também está investindo significativamente em infraestrutura ciclovitária, com uma meta de cerca de 200 km de ciclovias até 2024. Nos mapas a seguir é possível observar que a extensão de ciclovias nas cidades é bastante abrangente.

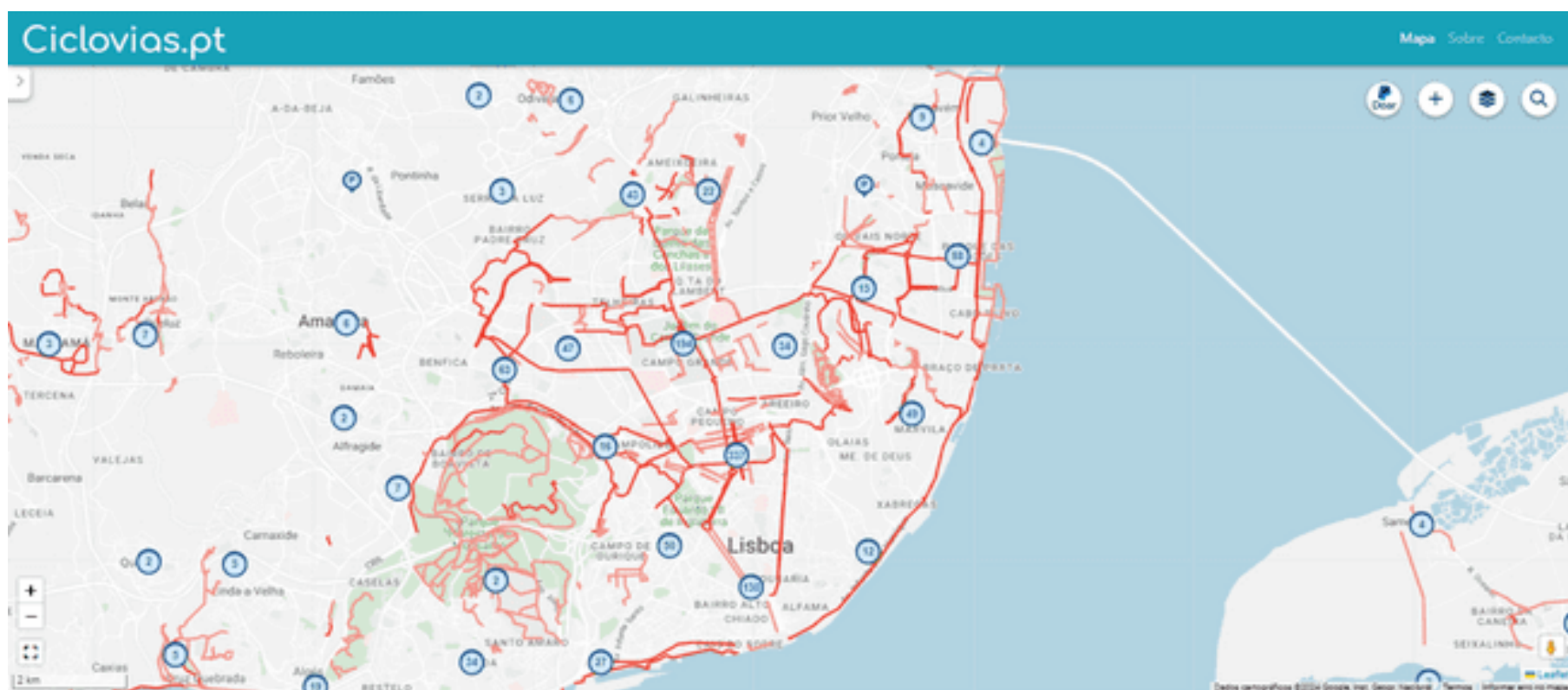
Em Fortaleza, o governo tem implementado políticas de mobilidade urbana, com recentes investimentos internacionais, a exemplo do Programa de Urbanização e Mobilidade de Fortaleza, de US\$ 150 milhões, a ser financiado pelo Banco de Desenvolvimento (Banco [...], 2025) da América Latina e Caribe (CAF). Em Lisboa (Figura 2), a administração local tem investido na mobilidade sustentável, com projetos de ciclovias e integração de bicicletas no transporte público e as manifestações estão mais focadas em pressionar por maior velocidade na implementação das políticas prometidas.

Figura 1: Mapa ciclovitário de Fortaleza



Fonte: Google Maps.

Figura 2: Mapa ciclovitário de Lisboa



Fonte: Ciclovias.pt.

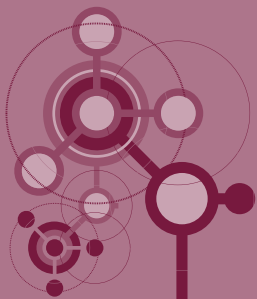
AS CIDADES FAZEM O ESPETÁCULO E OS CICLOATIVISTAS O CORPO DE BAILE

Enquanto a cidade oferece o cenário e as condições para a vida urbana, os cicloativistas atuam como agentes de mudança que circulam através desse espaço com ritmo, desafiando, transformando, bordando e colorindo a paisagem urbana. Sim, o tecido urbano é reconstruído a cada nova ciclovia, nova placa, novo paraciclo implementado. Ao "bordar", a intervenção do cicloativista nunca é descompromissada, ela é carregada de intencionalidade em criar cidades que não apenas funcionem eficientemente, mas que também sejam inclusivas e menos hostis às pessoas, seus ritmos e subjetividades.

Artistas, pesquisadores e ativistas desempenham um papel de médio e longo prazo na promoção do cicloativismo em Portugal e Fortaleza, por meio de suas publicações e participações em eventos chamando atenção para as condições enfrentadas pelos ciclistas e promovendo uma mobilidade urbana mais sustentável. Para Gehl (2010), arquiteto e urbanista dinamarquês conhecido por seu trabalho sobre planejamento urbano e desenho de espaços públicos voltados para as pessoas, o design urbano deve ser constantemente discutido por diversos atores sociais, reinventando-se a fim de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, priorizando pedestres e ciclistas sobre os veículos motorizados.

É preciso um esforço tremendo para mudar o status quo. Defesa forte, campanhas públicas e comunicação clara são essenciais para criar cidades que sejam amigáveis para as pessoas, seguras e inclusivas para todos os cidadãos, especialmente os mais vulneráveis (Gehl, 2010, p. 45).

A obra de Gehl constantemente traz a importância de criar ambientes urbanos que atendam às necessidades de todos os cidadãos, considerando a vulnerabilidade das pessoas e a importância do ativismo e de campanhas para promover mudanças. No rico campo de acontecimentos que é a cidade, os símbolos construídos pelas pessoas, moradores, visitantes,



em seus modos de ocupar, habitar e viver é que acabam por diferenciar uma cidade da outra, mais do que sua capacidade arquitetônica. “Primeiro a vida, depois os espaços, depois os edifícios – o contrário nunca funciona” (Gehl, 2010, p. 45).

De modo geral, os cicloativistas utilizam uma variedade de plataformas, incluindo publicações acadêmicas, artigos de opinião, relatórios técnicos e atividades de campo, para defender e promover o cicloativismo de modo “glocal”. A transição entre o meio urbano e digital é, sem dúvida, uma parte essencial do ativismo contemporâneo. O ativismo moderno não se restringe mais apenas às ruas ou aos espaços físicos, mas se expande para o ambiente digital, abrangendo plataformas online e diversos meios de comunicação, ao que Canevacci (2016) chama de *Sujeito ubíquo em trânsito entre metrópole comunicacional e tecno-web*.

Essa transição e a ocupação de espaços urbanos, acadêmicos e políticos são característicos ao ativismo. Enquanto as plataformas digitais oferecem ferramentas para organização, mobilização e protesto, como abaixo-assinados online, eventos virtuais, e campanhas de *hashtag*, participar de pesquisas e publicações ou de espaços políticos, como conselhos municipais ou assembleias legislativas, legitimam as causas e influenciam o pensamento crítico sobre o tema.

Ainda que seja possível compilar e listar alguns dos atores sociais e organizações que têm contribuído significativamente para a promoção da bicicleta como uma solução de mobilidade urbana sustentável em Fortaleza e Lisboa, o anonimato ativista é uma outra estratégia importante e frequentemente utilizada.

Comunicar na cidade também permite preservar a natureza anônima de diferentes formas de expressão. Assim, palavras de ordem ou de amor, slogans e desenhos, podem ser realizados ao abrigo da noite ou das sombras, sem que se identifique o seu autor. Daí que, ao longo do tempo, se tenha fabricado uma ideia das linguagens de rua como manifestações vernaculares e anônimas (Campos; Câmara, 2020, p. 31),

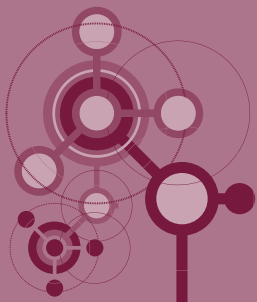
Ainda que a presença nominal em diversos espaços legitime a causa, o anonimato em movimentos sociais e políticos como a agenda cicloativista protege os indivíduos envolvidos, facilita a liberdade de expressão e evita que as pessoas que lutam por cidades melhores sejam alvos de *doxxing*, exposição de informações pessoais, ou *hacking*, preservando sua segurança física e cibernética.

Na realidade, um grande número de cicloativistas e participantes de ações permanece anônimo, muitas vezes a atividade pode ser considerada ilegal em certos contextos. Como a maioria dos protestos não são autorizados e a depender da estratégia podem ser tipificados como desobediência civil, então é melhor evitar consequências legais. Ainda mais nos tempos que temos vivido, de insurgências nefastas (CY2, 2024²).

Por vezes a repressão policial inibe a atuação dos participantes do evento nas duas cidades. Tanto em Lisboa como em Fortaleza, os realizadores relatam nas entrevistas e registros no Instagram os constrangimentos e situações vivenciadas de embate com a Polícia. Em Fortaleza, um dos pontos de encontro e de saída da Massa Crítica já foi o Palácio da Abolição e a Rua Ana Bilhar³. O palácio é um prédio do Governo do Ceará onde está a sede de despachos do Governador do Estado,

2 Entrevista concedida à autora em junho de 2024. Cidadã brasileira, cicloativista em Fortaleza.

3 A Rua Ana Bilhar é um lugar emblemático para a luta cicloativista em Fortaleza. Em 2013, quando ainda não haviam muitas ciclovias pela cidade, participantes do Massa Crítica e artistas urbanos pintaram 3 km de “ciclovias cidadãs”, que apesar de ter sido apagada alguns dias depois pela gestão municipal, teve ampla repercussão e a consequente implantação oficial de ciclofaixa neste logradouro.



fica em frente ao Museu da Imagem e do Som (MIS), e mesmo estando reunidos do outro lado da avenida, os participantes sofrem uma coerção inibitória.

Em geral não temos muito problema, mas eu e uma outra colega tivemos que pagar a Polícia uma multa de 100 euros por termos aplicado o spray e o estêncil no chão. Isso não é crime, sabemos, mas de todo modo foi ruim, então buscamos fazer um pouco mais à noite, observamos se não tem vigilância por perto e fazemos lá, num gesto rápido (CX1, 2024⁴).

As palavras de ordem usadas no Massa Crítica são as mesmas nas duas cidades, com variações. Com uso de megafones, caixas de som ou o próprio coro, em Fortaleza e Lisboa, o início do pedal reafirma a presença dos ciclistas na cidade com o entoar do “Mais bicicletas, menos carros”, a sonoridade e o ritmo da cantoria foi percebido de forma muito semelhante, com os sotaques distintos. Em Fortaleza são acrescentados o “Mais adrenalina e menos gasolina”, “Mais Curanderia e Menos Drogaria”. Em Lisboa grita-se: “Mais ciclovias, menos carros. Mais Amor, menos motor. Mais segurança, menos carros”. E outro grito popular é: “O que nós queremos? MAIS BICICLETAS”.

Na edição de Fortaleza chama a atenção uma expressiva participação de mulheres. Já na edição de Lisboa foi observada a presença de uma única mulher no grupo. Muito embora o debate proposto aqui neste trabalho não se construa a partir da perspectiva de gênero ou da interseccionalidade, a observação da pesquisadora apresentou desafios relacionados ao tema.

A METRÓPOLE COMUNICACIONAL, CICLOATIVISMO E ARTE URBANA

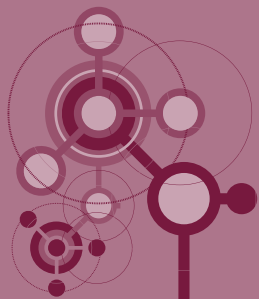
A interseção entre cicloativismo, comunicação e arte urbana desenham um *scrabble board* que carrega um léxico apinhado de símbolos e dinamismo, onde a grafia *bike* ou bicicleta poderia ainda ser acrescida com suas múltiplas representações, dentre elas o de resistência cultural e transformação urbana.

A cidade como espaço de comunicação é discutida por Campos e Câmara (2020) como uma ágora que inscreve a democracia na cidade, tendo a cidade como imensa tela e galeria a céu aberto onde as palavras de ordem, slogans fazem dos muros e ruas, não somente a beleza das cores e letreiros populares, mas o lugar de exercício da cidadania e debate da coisa pública.

Assim como ele, Barthes (2001, p. 224) argumenta que a cidade é ao mesmo tempo discurso e linguagem: “e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos à nossa cidade, a cidade onde nos encontramos simplesmente quando a habitamos”.

E neste campo semântico cheio de ranhuras, peças tradicionais do ativismo como os cartazes e as linguagens de arte urbana como estêncil e “lambe” (paste-up) desempenham um papel crucial na expressão das ideias e valores do cicloativismo, cujos consumos são por vezes mediados pelas redes sociais digitais como o Instagram. Para Baitello Jr. (2014), teórico do campo da comunicação, as imagens, desempenham um papel substancial na comunicação urbana. As imagens não apenas complementam o texto, mas frequentemente dominam a comunicação, capturando a atenção do público e influenciando a cultura e as percepções urbanas.

⁴ Entrevista concedida à autora em julho de 2024. Cidadão português, cicloativista em Lisboa.



A linguagem da arte urbana em protestos cívicos, ativismos, manifestações de reivindicação e expressão coletiva e a ocupação polifônica do espaço público são temas de muitos autores do campo da comunicação visual, sociologia, urbanismo e antropologia urbana, como Lefebvre (1969), Finizola (2010), Harvey (2014), Jacobs (2011). À sua maneira, em seus campos, os autores criticamente argumentam que tais posicionamentos e arranjos são formas de comunicação social que evidenciam a presença e a voz das pessoas nas cidades. “Com referências políticas e estéticas, são expressões do modo de vida e pensamento de grupos que não dispõe de circuitos comerciais, políticos e da mídia de massa para se posicionarem” (Costa Junior; Portinari, 2014, p. 2).

Os eventos ativistas, protestos e inscrições urbanas são momentos de intensificação da vida comum, onde a comunicação se torna uma prática de resistência e de afirmação de direitos. Os muros são elementos essenciais para a expressão da resistência do contrapoder da arte urbana enquanto marcas políticas.

Enfatizamos neste artigo as discussões de Canevacci (2016) e o conceito de metrópole comunicacional por compreendermos que sua perspectiva dialoga com as manifestações dos cicloativistas ao explorar temas de comunicação urbana, autorrepresentação e intervenções no espaço público. Ambos os discursos se encontram na ideia de transformar o espaço urbano em um local de resistência e expressão, promovendo a diversidade e a mobilidade sustentável como valores centrais. Essa abordagem reconhece a cidade como um espaço dinâmico de comunicação e interação, onde os cicloativistas desempenham um papel ativo na modelagem de novas narrativas urbanas.

No meio urbano das duas cidades cosmopolitas, a circulação de imagens é constante, fugaz e transitória, ora um cartaz ou um *grafitti* ali está, ora, já se apresenta outra imagem.

Um fazer-se ver que é — no espaço/tempo ubíquo — um fazer-se metrópole: metrópole comunicacional, metrópole performática, metrópole ubíqua. Uma metrópole que narra e se narra torna-se reflexiva. Exprimem-se textualidades móveis, processuais, descentradas, autônomas, sincréticas, ubíquas. (Canevacci, 2016, p. 178).

Na sociedade em rede, a informação e o conhecimento ganham uma extensão temporal quando por vezes, uma fotografia digital postada numa rede social como Instagram, consegue capturar uma paisagem e dar uma sobrevida às mensagens de grupos sociais, minorias, pessoas que se sentem à margem, ou mesmo a artistas urbanos consagrados que conseguiram, ao passar do tempo, após a difusão dos festivais de *street art* certo reconhecimento além dos espaços institucionalizados como museus e galerias. Esta transitoriedade e compreensível impermanência das paisagens visuais, olfativas ou até mesmo sonoras das cidades, o espaço mercantilizado, a terra urbana (Rolnik, 2004), e os elementos que permanentemente a modificam e lhe atribuem vida, culmina naquilo a que muitos autores se referem, com congruentes pontos de vista, o decorrer de uma necessidade de reconhecimento. “O ciclo de vida das obras é, geralmente, curto e a renovação cíclica do espaço de exposição urbano é um imperativo” (Campos; Câmara, 2019, p. 108).

Durante o evento Massa Crítica é comum ver “lambes” e cartazes demarcando um território de disputas, decorando os pontos de partida e chegada, assim como ao longo das rotas. Essas peças não só comunicam mensagens políticas e sociais, mas também contribuem para criar um senso de comunidade e identidade entre os participantes.

Quando observamos a logo dos dois eventos: Massa Crítica Fortaleza e Lisboa, nas figuras 3 e 4, é possível inferir um certo padrão em relação a alguns elementos, entre eles: a presença da catraca da bicicleta, o monocromatismo preto, a tipografia em caixa alta, e ainda, apontar outros traços identitários, como a similaridade com a estética do estêncil.

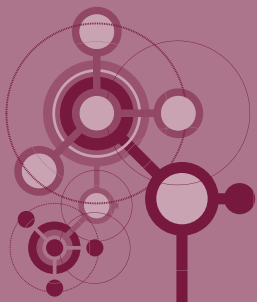


Figura 3: Logo da Massa Crítica de Fortaleza



Fonte: Instagram.

Figura 4: Logo da Massa Crítica de Lisboa



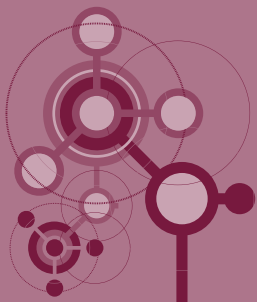
Fonte: Instagram.

Nas duas logos encontramos ainda a autorrepresentação do “sujeito transurbano”, caracterizado por sua mobilidade e capacidade de navegar por múltiplos espaços urbanos, conectando diferentes culturas e contextos. Esse sujeito transcende as fronteiras físicas e simbólicas da cidade, desafiando as noções tradicionais de espaço e identidade.

As novas subjetividades estão praticando a facilidade de uso do PC ou do spray, desenhando imagens materiais nas ruas ou *editing* ícones digitais em casa. A divisão comunicacional do trabalho entre quem narra e quem é narrado, quem performa e quem é performado — entre auto e hetero representação — penetra na contradição emergente entre produção das tecnologias digitais e uso destas mesmas tecnologias por sujeitos com uma autônoma visão do mundo (Canevacci, 2016. p. 180).

A silhueta do cicloativista erguendo a bicicleta, gesto comum nas paradas em frente aos semáforos durante a Massa Crítica, e a mão em punho, elucidam a autorrepresentação, prática que fortalece indivíduos e grupos a moldarem suas próprias identidades, desafia narrativas dominantes. (Canevacci, 2016). No contexto urbano, ela é uma ferramenta crucial para a expressão de diversidade e resistência, permitindo que vozes anteriormente marginalizadas encontrem espaço e visibilidade na metrópole comunicacional. Essa prática não apenas enriquece a paisagem cultural urbana, mas também promove uma sociedade mais equitativa e pluralista.

O ciclista que enfrenta o fluxo das grandes cidades, performa com uma certa audácia e coragem que lhe são exigidas. E o cicloativista, por sua vez, aquele que agita, mobiliza, convoca, e se posiciona no *front* das disputas espaciais e simbólicas



representa igualmente o sujeito transurbano (Canevacci, 2016), pois eles navegam pela cidade de uma maneira que transcende as divisões convencionais entre áreas urbanas e subúrbios. Ao se deslocarem e se inscreverem pela cidade, deixando marcas e manifestos, e ao desafiarem a predominância do carro como meio de transporte, promovem um novo modelo de ocupar e ir e vir que ultrapassa o discurso da sustentabilidade e dá sentido ao viver e sobreviver na polis.

Os cartazes, algumas ou raras vezes zines, a produção em papel e xerox, são artifícios que se apresentam como bastante relevantes no cicloativismo, muito mais que uma forma tradicional de comunicação visual, eles podem anunciar a data dos eventos, o tema do protesto e frases de efeito. A estética dos cartazes muitas vezes reflete a criatividade e a energia do movimento cicloativista, tornando-os uma parte essencial da identidade visual do movimento.

Ao caminharmos por nossa cidade percebemos que existem uma série de interferências tipográficas urbanas que convivem conosco no nosso dia a dia. Fachadas de estabelecimentos, placas indicativas de ruas, propagandas em muros e faixas, pichações, grafites, entre outras. As cidades estão submersas em letras, numa disputa acirrada pelos espaços de comunicação (Finizola, 2010, p. 19).

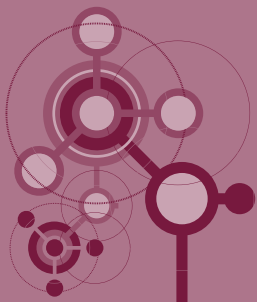
Já o “lambe”, ou *paste-up*, técnica de colagem de *posters* em espaços públicos, está presente em ambos os eventos, Fortaleza e Lisboa. No evento Massa Crítica, os pôsteres contêm ilustrações, fotografias, textos ou uma combinação desses elementos. Assim como os “lambes” usados para destacar questões não apenas de mobilidade urbana, segurança, necessidade de infraestrutura adequada, mas como outras bandeiras unificadas. Eles são frequentemente encontrados em locais estratégicos, como vias de grande circulação e pontos de encontro de ciclistas, amplificando a visibilidade das mensagens.

No contexto do cicloativismo, o estêncil é usado para criar imagens icônicas, pictográficas de bicicletas, slogans impactantes e símbolos que representem a liberdade e a identidade do cicloativismo. O estêncil, retratado nas Figuras 5, 6 e 7 abaixo, é uma forma rápida e eficiente de espalhar mensagens visuais pela cidade, tornando-se uma ferramenta dos ativistas.

Figura 5: Estêncil usado na Massa Crítica de Lisboa



Fonte: Acervo cicloativista CX1.



Em nossa participação nas edições do Massa Crítica em Fortaleza, o momento da partilha dos “raios x”, forma mais fácil de conseguir o acetato, material para o recorte dos moldes, e a partilha dos sprays, se apresenta como instrumental essencial para a inscrição do manifesto.

Figura 6: Matriz de Estêncil na Massa Crítica de Lisboa



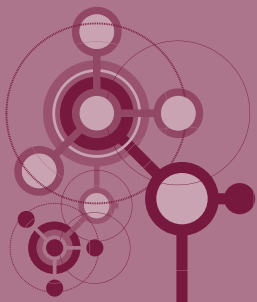
Fonte: Acervo cicloativista CX1.

Figura 7: Estêncil na Massa Crítica de Fortaleza



Fonte: acervo da autora.

Tanto em Fortaleza como em Lisboa, mesmo em uma época em que as externalidades de um sistema de mobilidade baseado no automóvel são bastante conhecidas, os protestos acontecem cada vez que as gestões municipais prestam serviços



que geram questionamentos à população. No último ano, em Lisboa, ocorreu um amplo debate acerca da nova ciclovia na Avenida de Berna (Figura 8), cuja proposta seria de requalificação do espaço urbano, no entanto, na compreensão dos usuários a obra resulta numa ciclovia que aumenta a disputa entre autocarros, bicicletas e trabalhadores a pé, em Lisboa, chamados de peões (André, 2021).

Figuras 8: Pintura no asfalto em Lisboa



Fonte: acervo cicloativista CX1.

IMPACTO SOCIAL, INCLUSÃO E A PERCEPÇÃO CULTURAL DO EVENTO MASSA CRÍTICA

Em Fortaleza, o evento Massa Crítica (Figura 9) e as manifestações frequentemente abordam a bicicleta como uma ferramenta de inclusão social, proporcionando um meio de transporte acessível para qualquer pessoa. E frequentemente outras bandeiras sociais são agregadas ao movimento, os grupos que se reúnem para pedalar durante o Massa Crítica são diversos, e um deles está relacionado às causas de gênero. A exemplo, o Roxedas.Bg, coletivo de mulheres, pessoas trans e não binárias, que se mobilizam através do Instagram, organizam e agendam encontros e pedais com o objetivo de ocupar as ruas de Fortaleza, com apoio mútuo, segurança e acolhimento.

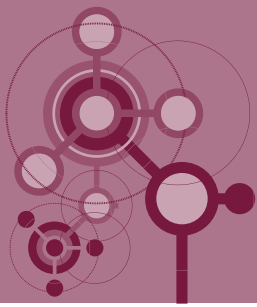


Figura 9: Cartaz em Fortaleza



Fonte: acervo da autora.

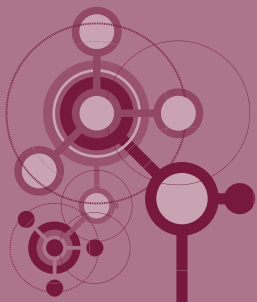
Em Lisboa, além da inclusão social, percebe-se uma forte ênfase na bicicleta como um meio de combater a poluição e melhorar a qualidade de vida urbana, alinhado com políticas ambientais da União Europeia. A participação infantil na Massa Crítica de Lisboa é um traço bastante particular da manifestação em Portugal.

Conhecida como "*Kidical Mass*", o movimento que adapta a tradicional bicicletada para crianças e famílias (Figura 10), promove o uso da bicicleta desde cedo e busca criar um ambiente seguro e divertido para os pequenos ciclistas. Este evento tem ganhado destaque como uma forma de incluir as futuras gerações no cicloativismo e incentivar hábitos saudáveis e sustentáveis desde a infância (Kidical Mass, 2025).

Figura 10: Cartaz Kidicall Mass Lisboa



Fonte: @mbaptista.



Os eventos cicloativistas observados em Fortaleza e Lisboa elucidam a polifonia urbana ao introduzir diversas vozes e perspectivas na discussão sobre o uso do espaço urbano. (Canevacci, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

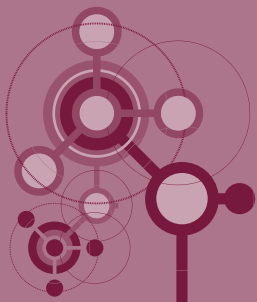
Este estudo proporcionou uma análise das estratégias comunicativas e linguagens utilizadas pelos cicloativistas durante o evento Massa Crítica em Fortaleza e Lisboa, destacando suas particularidades culturais, sociais e urbanísticas. A pesquisa evidenciou como o uso da bicicleta transcende o simples meio de transporte, tornando-se um instrumento de resistência e afirmação de identidade nas duas cidades. As intervenções urbanas desempenham um papel crucial na construção de um discurso visual que mobiliza a cidade e cria uma cultura de inclusão social e ambiental. Além disso, a interseção entre os espaços urbanos e digitais amplia o alcance e a visibilidade das ações, conferindo ao movimento uma dimensão “glocal” que promove a mobilidade sustentável e a melhoria da qualidade de vida urbana.

Apesar da metodologia exploratória empregada e das observações realizadas, este estudo apresenta algumas limitações. Um ponto a ser considerado é o fato de que, em algumas situações, a repressão policial e o anonimato dos participantes dificultaram o acesso a informações mais detalhadas sobre o movimento, restringindo o escopo da análise.

Com o presente estudo, percebemos que ambas as cidades compartilham a visão de promover o uso da bicicleta e melhorar as condições para os ciclistas, as estratégias e as manifestações como o Massa Crítica refletem as necessidades e contextos locais específicos. Em Fortaleza, o foco tende a ser na criação de infraestrutura básica e na mudança de percepção cultural, enquanto em Lisboa, a ênfase pode estar na melhoria e expansão das infraestruturas existentes e na integração com outras formas de transporte sustentável. E ao proporcionar um ambiente seguro e festivo para as crianças pedalarem, a *Kidical Mass*, em Portugal ajuda a formar futuros cidadãos que valorizam e defendem o uso da bicicleta como uma parte essencial de um estilo de vida saudável e sustentável.

Esperamos com o artigo, formular a relação que existe entre eventos, cicloativismo, comunicação e arte urbana, para gerar formas interpretativas através das quais ela é construída, em sua natureza coletiva e criativa. Na seleção da amostra da pesquisa, registramos que as expressões estético-artísticas utilizadas pelos cicloativistas possuem um conjunto de funções comunicativas e um caráter dialógico com marcadores discursivos. Com estes, por similaridade, foi possível observar uma identidade que consolida o caráter evocativo e persuasivo da arte urbana cicloativista, inscrita de forma visual coletiva no suporte comunicativo que é a cidade.

Com a observação das edições dos eventos Massa Crítica Fortaleza e Lisboa, encontramos a autorrepresentação nas imagens que circulam tanto nas ruas como no ciberespaço, observamos como a linguagem de arte urbana dá corpo, forma e identidades ao movimento cicloativista; que os arranjos comunicativos entrelaçados entre eventos comunitários e parcerias com organizações são essenciais para mobilizar e engajar a sociedade nas bandeiras do cicloativismo.



REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. R. Avenida de Berna vai ter ciclovia, mas utilizadores temem impacto no espaço pedonal. *Lisboa para Pessoas*, 16 de julho de 2021. Disponível em: <https://lisboaparapessoas.pt/2021/07/16/avenida-de-berna-ciclovial/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BAITELLO, N. *A era da iconofagia: Reflexões sobre imagem, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.

BANCO de Desenvolvimento da América Latina e Caribe - CAF aprova US\$ 150 milhões para projeto brasileiro do Ceará. *Gov*, 27 de março de 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/planejamento/pt-br/assuntos/noticias/2025/marco/banco-de-desenvolvimento-da-america-latina-e-caribe-caf-aprova-us-150-milhoes-para-projeto-brasileiro-do-ceara>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BARTHES, R. Semiologia e urbanismo. *In: A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 224.

BESSE, J. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

CAMPOS, R.; CÂMARA, S. Arte(s) Urbana(s). *Famalicão, Húmus*, p. 63-65, 2019. DOI: 10.4000/sociologico.9582.

CANEVACCI, M. Arte pública, autorrepresentação, sujeito transurbano. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, v. 47, n. 1, p. 173-191, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21194?locale=es>. Acesso em: 15 jan. 2025.

COSTA JUNIOR, H. G.; PORTINARI, D. B. Estética política: sobre grafite e subjetividade na América Latina. *Revista SURES, Foz do Iguaçu*, v. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FINIZOLA, F. *Tipografia vernacular urbana: uma análise dos letreiramentos populares*. São Paulo: Blucher, 2010.

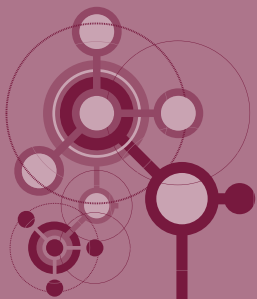
GEHL, J. *Cities for People*. Washington: Island Press, 2010.

HARVEY, D. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KIDICAL MASS. Disponível em: <https://kidicalmass.pt>. Acesso em: 16 mar. 2025.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Documenta, 1969.



NAÇÕES UNIDAS. *Agenda 21*: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: ONU, 1992. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2025.

ROLNIK, R. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa*: Projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001. Disponível em: <https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/03/comunicac3a7c3a3o-e-pesquisa-santaella.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SODRÉ, M. *A ciência do comum*: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

Artigo recebido em 06/02/2025 e aprovado em 28/02/2025.